

FRAUDE NO SENADO

Ex-líder do governo muda sua versão e confessa que teve acesso à lista de votação secreta

Arruda assume violação no painel

GUSTAVO KRIEGER

BRASÍLIA – Cabeça baixa, ar contrito, o senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) leu ontem um manuscrito de 36 páginas no qual confessa sua participação na quebra do sigilo da sessão secreta que cassou o senador Luiz Estevão. Na semana passada, havia refutado qualquer envolvimento na violação, mas após o seguro e detalhado depoimento da ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges ficou encurralado. Ontem, assumiu sua participação na fraude.

O engenheiro Arruda projetou calculadamente sua estratégia para tentar salvar o mandato. O texto trazia sublinhados os trechos que coincidiram com os momentos de maior emoção do pronunciamento, quando em gestos teatrais o senador chegou às lágrimas e pediu desculpas aos companheiros de plenário ao admitir ter participado da violação do painel eletrônico do Senado. “A verdade e a auto-humilhação são um passo fundamental para recuperar meus sonhos.”

Arruda também grifou o trecho em que pede aos colegas de Parlamento que resumam sua punição à “dimensão regimental” do delito de violar o sigilo do painel de votação. Com a confissão, ele espera escapar da cassação, sendo punido no máximo com a suspensão temporária do mandato.

Em busca de apoio, o senador mandou recados. Fez uma ameaça velada ao Palácio do Planalto. Lembrou que, como líder, serviu ao governo “em situações muito mais graves do que esta”. Manteve em segredo sobre quais situações se referia. Prometeu aos colegas que não revelará jamais o que viu na lista de votação. Espera com isso ganhar o apoio do PT, já que a senadora Heloísa Helena (PT-AL) é acusada de votar contra a cassação.

Arruda preparou a cena do pronunciamento. Pela manhã, telefonou a vários senadores pedindo sua presença em plenário. Mesmo assim, apenas dez parlamentares estavam presentes às 14h55, quando ele subiu à tribuna. Dois minutos depois, chegou às lágrimas pela primeira vez. O choro se repetiria outras cinco vezes nos 42 minutos de discurso.

O senador iniciou a fala prometendo contar toda a verdade sobre a violação do painel eletrônico do Senado. “Quero dormir em paz, recuperar o meu sono. Quero olhar na cara das pessoas, especialmente dos meus filhos”, disse. Na semana passada ele fizera dois discursos acusando de mentirosa a ex-diretora do Prodasen Regina Borges. Ela confessou ter quebrado o sigilo do painel na votação que cassou o mandato de Luiz Estevão, em 28 de junho do ano passado. Regina disse que atendeu um pedido de Arruda e do ex-presidente do Senado Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Ontem, o senador admitiu que “é difícil negar veracidade” ao depoimento de Regina Borges. “Talvez haja alguns enganos, mudanças de data, esquecimento de um ou outro detalhe, mas nada que comprometa o fato e a verdade que ela relatou”.

Arruda diz que a quebra de sigilo do painel nasceu de uma conversa entre ele e ACM no gabinete da presidência do Senado. Contou ter recebido do senador baiano a incumbência de perguntar a Regina Borges, então diretora do serviço de processamento de dados do Congresso, se seria possível obter uma listagem dos votos na cassação de Estevão.

A mudança de versão obrigou o senador tucano a um contorcionismo retórico. Se confessasse ter mentido em seus discursos anteriores, daria mais munição para os que defendem sua cassação. Assim, Arruda adaptou a confissão à sua história anterior.



COMO FOI A FRAUDE NO SENADO

22/2: a revista IstoÉ publica a primeira versão da conversa do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) com três procuradores da República, gravada pelo procurador Luiz Francisco de Souza, em 19 de fevereiro. Segundo a reportagem, Antonio Carlos afirma, sobre a cassação do então senador Luiz Estevão: “A senadora Heloísa Helena votou a favor do Luiz Estevão. Eu tenho a lista de todo mundo que votou a favor e contra o Luiz Estevão.”

23/2: Heloísa Helena (PT-AL) nega que tenha votado a favor de Estevão.

24/2: o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), ordena que o painel de votação eletrônica do Senado seja lacrado para averiguação.

2/3: IstoÉ publica nova versão do diálogo, agora deglavado pelo perito Ricardo Molina. Não há diferença no trecho em que o senador afirma ter a “lista” de votação.

4/3: Antonio Carlos nega ter a lista (a não ser por “dedução”) e diz que “o painel é inviolável”.

27/3: laudo do professor Álvaro Crosta, da Unicamp, atesta que o painel eletrônico é vulnerável, mas não encontra vestígios de violação.

4/4: em nova perícia da gravação, Molina distingue a seguinte frase de Antonio Carlos Magalhães: “Lemos a lista. Heloísa Helena votou nele.”

17/4: laudo final da Unicamp constata que o painel eletrônico foi violado e que o programa que devassou a votação secreta foi copiado em disquete e poderia ter sido utilizado em outra ocasião. No mesmo dia, é divulgado o depoimento, à comissão do Senado, de Regina Borges, ex-diretora do Prodasen, que diz ter cometido a fraude a mando do então líder do governo, senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), e do senador Antonio Carlos. Arruda nega participação no caso.

18/4: Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado abre processo por quebra de decoro contra Arruda e Antonio Carlos.

19/4: em depoimento exclusivo ao JORNAL DO BRASIL, Regina Borges relata com detalhes toda a operação de violação da votação secreta que resultou na cassação de Luiz Estevão. No mesmo dia em que o JB publica a versão de Regina Borges, ela depõe no Conselho de Ética do Senado, confirmando a operação. Arruda renuncia à liderança do governo no Senado.

23/4: o senador Arruda confessa da tribuna do plenário ter pedido a lista de votação da sessão secreta que cassou Luiz Estevão.

24/4: os funcionários do Prodasen que violaram o painel, Ivar Alves Ferreira, Heitor Ledur e Hermilo Nóbrega, e o técnico Sebastião Gazzola têm depoimento marcado no Conselho de Ética do Senado. Domingos Lamoglia, assessor de Arruda que recebeu o envelope com a lista, também deve depor.

Regina Borges disse que recebera o pedido para quebrar o sigilo em uma reunião no apartamento de Arruda na véspera da sessão que cassou Luiz Estevão. Arruda apresentou um álibi detalhado para mostrar que o encontro não teria ocorrido. Ontem, contemporizou. Reconheceu ter recebido em casa a ex-diretora do Prodasen, mas disse que ela deve ter errado a data da conversa. Ele insistiu em dizer que não pediu a ela que violasse o painel. “Apenas perguntei se era viável. Depois, ela me trouxe a lista.”

Arruda passou parte da responsabilidade para ACM. Disse ter entregado a lista com os votos ao então presidente do Senado. “Ficamos a sós no gabinete da presidência do Senado, lemos o documento e comentamos alguns votos”, declarou. Contou ter presenciado quando Antonio Carlos Magalhães telefonou para Regina Borges e agradeceu a lista. O senador baiano sempre negou esta conversa.

O tucano apelou à emoção dos senadores. “Fui ingênuo”, disse. “A ambição, a vaidade e orgulho conspiraram meu caminho político”. Recorreu à fé. “Quero ser como São Pedro, que negou Cristo três vezes e depois dedicou sua vida à pregar a verdade.” Em lágrimas, pediu perdão aos senadores, aos funcionários do Senado e a seus eleitores. Aproveitou a passagem de alunos de uma escola pública de Brasília que visitavam o plenário do Senado. “Quero pedir perdão a estas crianças, que, para aumentar meu castigo, nos assistem.” Causou a única reação do plenário, o riso discreto de alguns senadores.

No restante do tempo, o discurso foi ouvido sem apartes, sem aplausos. Ao final, os senadores presentes abriram mão da palavra, em um silêncio de quem está em compasso de espera.